

OS ESPANHÓIS DE VILLA NOVAES E SUAS NARRATIVAS

Marília Klaumann Cánovas *

O imigrante espanhol representou, segundo destacados estudiosos da temática da emigração em massa¹, o terceiro contingente em volume a dirigir-se para o Brasil no cômputo geral do período. Há indícios, no entanto, de que teria representado, dentre os ingressos das principais nacionalidades para o Estado de São Paulo no mesmo período², a segunda posição dos que demandaram as lavouras cafeeiras do Oeste Paulista³. Por razões diversas, a essa expressividade numérica parece não corresponder um número equivalente de investigações, se compararmos ao montante de trabalhos multidisciplinares que foram destinados ao emigrante italiano, por exemplo.

Nos inícios da década de 1980, após longa peregrinação por diversos locais e acervos, na tentativa de rastrear a presença de vestígios da passagem desse contingente pelo Estado de São Paulo, foi-nos sugerida como uma possibilidade uma localidade próxima à cidade de Catanduva – Villa Novaes –, por haver concentrado em sua ocupação inicial, grande número de famílias espanholas que para lá haviam ocorrido, nas primeiras décadas, atraídas pela possibilidade de adquirir seu quinhão de

terra. Lá existiriam, segundo o informante, remanescentes (ainda) de primeira geração e seus descendentes, cujas histórias lhe eram familiares e próximas, já que sua mãe fora parteira no local por várias décadas⁴.

Essa informação, à época, forneceu-nos ânimo renovado. Afinal, durante meses, havíamos percorrido, em vão, distintos locais e pesquisado diferentes acervos documentais, na tentativa de vislumbrar qualquer possibilidade de viabilização de investigação acerca desse grupo.

Lá chegando, depois de algumas escalas e parada obrigatória em Catanduva – Villa Novaes, à época não dispunha sequer de uma linha regular de transporte coletivo -, tivemos novo impacto. A pequena vila não possuía biblioteca ou arquivo, menos ainda um museu, e as informações iniciais acerca da possibilidade da existência de qualquer documentação que pudesse subsidiar uma investigação eram díspares.

Havia, no entanto, as pessoas remanescentes da “colônia”, de quem procuramos nos acercar. A partir dos primeiros contatos, e depois, nas longas conversas embaladas pelas histórias e narrativas pessoais carregadas de lembranças de seu país, da viagem, da

chegada ao Brasil, das fazendas por onde passaram, das dificuldades e desapontamentos inerentes ao processo que vivenciaram, foram longos os momentos de lembrança, que, por outro lado, nos davam a sensação de estarmos no lugar certo.

Para muitos deles, a influência do meio e as relações interpessoais e grupais havia criado uma fala peculiar, um espanhol aporuguesado por elementos locais, que, todavia, conservava um *acento* – sotaque – marcadamente espanhol na forma de narrar e na construção dos períodos e das frases.

De todo modo, aquelas narrativas, mergulhadas na trajetória singular dos que tinham sido protagonistas, começaram a ganhar corpo e nexos, emoldurando um quadro referencial que incitava nosso interesse pela investigação, mesmo que essa ainda se revelasse inexecutável.

Simultaneamente, fomos checando suas indicações de locais que poderiam conservar documentos da época que remontava à sua chegada no local. Museus, arquivos, bibliotecas, casas de cultura, prefeituras, câmaras municipais, foram rigorosamente mapeados e consultados aqueles ainda existentes nos municípios a quem Villa Novaes, nos estágios iniciais de sua ocupação vinculava-se administrativamente - antes mesmo de receber essa denominação -, e a quem depois pertencera como distrito⁵.

Dentre os documentos localizados nestes vários locais, muitos fragmentos de História, de vários matizes e épocas e que podiam, quando muito, contribuir aqui e ali como um dado, uma informação a mais. Nada com sustância suficiente para evocar e ilustrar o processo que pretendíamos examinar.

Neste ínterim, entretanto, continuávamos a nos reunir com a colônia e, cada vez mais, a interessar-nos por montar o xadrez de seus relatos; percebíamos, também, crescer seu interesse, revelando-nos informações,

possibilidades, pistas, estratégias e indicações de toda ordem.

Foi quando, finalmente, nossa atenção foi despertada para os volumes dispostos no pequeno cartório de Villa Novaes – de propriedade de um descendente de espanhóis, Sr. Paschoal Blasquez Sanchez -, que nos franqueou a consulta a seus inúmeros livros de registros, dos quais, de todo modo, constavam apenas os efetuados a partir do momento em que Villa Novaes transformara-se em distrito, ou seja, a partir de 1925.

A série anterior a 1925, pertencente aos registros da localidade onde se situaria o distrito, depois a vila de Novaes, estava conservada no Cartório do Município de Paraíso, remontando ao ano de 1900, e fora recolhida de dois distritos anteriores: o de São Sebastião do Turvo, localidade extinta por uma epidemia, sucedido depois pelo de Irupy, que passou a concentrar o registro das ocorrências civis dos habitantes daquela boca de sertão.

Esta e outras descobertas documentais acabaram por assegurar a possibilidade de uma investigação, que, anos depois, acabou finalmente redundando em nossa dissertação de mestrado, de longa gestação (Cánovas, 2001). Contudo, o diferencial, inédito e valioso nessa trajetória, pode ser atribuído à participação dos emigrantes na sua elaboração. Lentamente fomos percebendo o privilégio que se nos afigurava a prerrogativa da exploração do patrimônio oral representado por aqueles personagens-vetores de História. Eles eram, afinal, o objeto que se transmutara em sujeito, numa rara combinação. Aquele grupo havia efetivamente partilhado de uma experiência singular, que buscávamos reconstruir.

Muitos deles, de idade avançada, pertenciam à primeira geração de emigrados e haviam protagonizado o processo que nos empenhávamos em investigar. Assim, se a sua trajetória concreta e formal no país de destino

estava inscrita naqueles livros cartoriais, por que não recuperá-la numa reelaboração com as narrativas, procedimento que permitiria a apropriação de outras faces que dificilmente poderiam ser apreendidas pela História oficial?

Surgiu, então, a idéia de (também) utilizar seus relatos, e de forma sistemática, como uma oportunidade ímpar de apreender as diversas manifestações de sua identidade individual e grupal, de identificar a sua consciência quanto ao processo a que se viram submetidos, e de, enfim, captar que imagem esse imigrante forjara de si mesmo.

Dada a extensão do material oral coletado junto aos espanhóis de Villa Novaes, destacamos, para a oportunidade, fragmentos temáticos das falas de três dos narradores – Sr. Ildefonso Blasquez Sanchez, D. Teodora Dias e Sr. Tercifon Cabrera –, as quais preferimos conservar na literalidade, acreditando, como Ecléa Bosi (1979: 1) que, por certo, seus erros e lapsos foram menos graves, em suas conseqüências, do que as omissões da História oficial.

É inegável que das histórias extraordinárias destes emigrantes obscuros transpira um dos capítulos mais expressivos e vigorosos de nossa História social.

OS NARRADORES

Cada ser humano é um abismo e a gente tem vertigens quando se debruça sobre um deles.

(Georg Büchner, *Woyzeck*, 1944)

Sr. Ildefonso Blasquez Sanchez

Aos 85 anos, era o mais idoso – também o mais eloqüente e crítico –, dos imigrantes a narrar sua trajetória. Chegara ao Brasil aos nove anos, em

1905, com sua família, procedente de Cáceres, na Extremadura⁶.

Casado desde 1919 com D. Maria Romero Sanchez, almeriense, cujo pai trabalhara nas minas de carvão, antes de emigrar, comunicava-se com ela apenas em espanhol. “*A mulher não fala nada em brasileiro*”, esclarecia afirmando que, como ele, ela também tinha nove anos ao chegar.

Tiveram sete filhos que “*aprenderam a conversar em espanhol, porque eu não deixei de criança eles largarem*”.

Residindo em Villa Novaes há 36 anos, e não mais na fazenda de 30 alqueires adquirida em 1911 por seu pai no Córrego do Taperão, nos arredores da vila, ele lembrava com nitidez de diversas passagens, tanto da Espanha, quanto do Brasil, percorrendo sobre a vida em família, o trabalho, os hábitos, a alimentação. Ocasionalmente, deixava transparecer seu desencanto com a opção paterna de vir para o Brasil e com as dificuldades acarretadas por essa “*escolha*”, injustificável do seu ponto de vista, considerando-se que tinham uma pequena propriedade produtiva no *pueblo* de origem. Seu filho, Paschoal, era, à época, o tabelião da vila e proprietário do Cartório local.

Nunca se naturalizou porque tinha a intenção de voltar para a Espanha “... *chegando lá, não seria mais espanhol [caso se naturalizasse], então não quero ser brasileiro*”, dizia.

Sr. Tercifon Cabrera

Aos 76 anos, residia desde 1912 em Córrego Seco, arredores de Villa Novaes. Ali, seu pai comprara com a poupança amealhada em sete anos de trabalho como colono em uma fazenda de Monte Azul, a primeira propriedade da família, de 10 alqueires.

Sua família, composta de pai, mãe e um irmão, chegara, como a de Seu Ildefonso também em 1905 e era proveniente de Almería⁷. Ele nascera no Brasil, logo após a chegada da família. Casara-se com D. Catarina

Huela Angulo, malaguenha que havia conhecido na fazenda de Ramón Sanchez, espanhol, rico fazendeiro e comerciante local, e para quem seu sogro trabalhara como camarada em uma de suas fazendas, a de Córrego Rico.

Ele igualmente elaborava suas lembranças detalhando-as minuciosamente: a primeira fazenda em que foram trabalhar, onde sua mãe, encarregada da cozinha, era acordada com um sino, às três horas da manhã; a mudança “*para o sítio em Córrego Seco, em carro de boi [e que demorou] dois dias de viagem [ocasião em que foram morar] debaixo de uma árvore, com uma fogueira acesa para prevenir contra os bichos*” até o término da construção da casa, de pau a pique, dois meses depois.

Aprendera a escrever somente aos 15 anos, com um espanhol que “*sabia leitura*”. Este fora contratado na fazenda de seu pai, para empreita de café por seis anos, e também para “*fazer aulas*”, isto é, alfabetizar os adultos e crianças da casa. Só então passara a corresponder-se com os tios da Espanha, a quem nunca propusera que viessem para o Brasil, “*para dar a eles isto aqui?*”.

D. Teodora Dias

D. Teodora, então com 75 anos, nascera no Brasil. Seu pai, Isaac Diaz Bote, natural de Cáceres, na Extremadura (como a família de Seu Ildefonso), havia chegado ao Brasil, pela primeira vez em 1899, deixando seus bens – “*alguma terra e duas casas*” –, com parentes. Depois de uma passagem de seis anos por uma fazenda em Ribeirão Preto, resolvera retornar à Espanha, onde veio a falecer sua primeira esposa, deixando-lhe três filhos. Então, lá mesmo, casa-se novamente, com D. Manuela, que viria ser a mãe de D. Teodora, e resolve voltar ao Brasil “*porque lá era tudo muito difícil, muito pobre*”.

Aqui chegou em 1905, ano do nascimento de D. Teodora⁸, indo trabalhar em Bebedouro, em colheita de café. Depois, foi colono por quatro anos

em outra fazenda próxima, onde “*era uma espanholada lá, a colônia era muito grande*”.

Em 1911 a família mudou-se para Córrego Grande, onde seu pai “*pegou um café à meia*” e já no segundo ano colheira 600 sacas, 300 das quais eram suas e foram vendidas por \$10.000 réis cada uma. Com o montante da venda, acrescido de suas economias, puderam adquirir, em 1912, no Córrego do Matão, um sítio de 25 alqueires por três contos e quinhentos. D. Teodora tinha, então, sete anos.

D. Teodora reportou-se, igualmente, à trajetória da família de seu marido, Pedro Fernandez Duran, que viera com os avós da Espanha, aos seis anos de idade; seus pais haviam embarcado três anos antes e ele ficara por motivo de doença.

O conhecimento das duas famílias remontava à Espanha, onde eram vizinhas do mesmo *pueblo*. Seu sogro, Eduardo Fernandez, “*que viera para trabalhar na linha do trem*” trouxera algumas reservas da Espanha e logo tornou-se proprietário, no Córrego das Perobas, de engenho, olaria e serraria, além de 40.000 pés de café. Ali manteve sempre, além dos filhos trabalhando, mais dez famílias de colonos.

Ao morrer, Eduardo Fernandez deixara 400 alqueires de terra como herança. Só então D. Teodora mudou-se para sua propriedade, próxima à de seu pai, um sítio de 22 alqueires, no Córrego do Matão, onde permaneceria até enviuvar, onze anos depois.

OS TEMAS

fragmentos de depoimentos

A Espanha

... *Eu vou dizer para a senhora, nós saímos da Espanha porque o povo tinha aquela agonia de ganhar e nós, do jeito que tava lá, meu pai era pobre (...)* eu

tinha nove anos quando nós viemos, nós não precisava de vir pra trabalhar de empregado aqui, porque meu pai tinha um terreninho, uma casa pra morar, ganhava pra comer...

... Ele plantava roça, trigo, grão de bico, cevada, batata; tinha um pedacinho de terra que tinha oliveira dando fruta, tinha um pedaço de uva dando, um terreninho pra plantar cebola, alho, tinha pêra, tinha maçã, figo, né. E ele trabalhava todo ano, plantava roça, terreno lá dos ricos, eles davam aquele terreno a 20% da produção e o pai plantava lá todo ano. E podia levar lenha, podia ter criação lá, no campo, tudo isso. Criação não pagava nada.

... Ganhar dinheiro! Naquela fé que Brasil era só juntar dinheiro, né? Mas todo mundo veio enganado, chegavam aí, chegavam nas fazendas que não tinha nem estrangeiro, era aquela brasileirada ... negros, e né?! uma comida tudo diferente, arroz, feijão, mandioca, essa coisaiada que lá não tem; lá tem também, mas não diário que nem aqui. E serviço tudo diferente. Chegavam aí... carpir café com uma enxada que... lá de onde nós era, era carpir a terra com enxadão, não tem nada de enxada. Apanhar café... não sabe apanhar, não sabe abanar... E a pessoa sofre, né?!?

Todo mundo que vinha de lá pensava isso [que iam ficar ricos]. Os conhecidos que moravam aqui, às vezes mandava carta com mentira, que ganhava assim, coisa, né...; então, a turma dava aquela febre...; tinha conhecido aqui que mandava carta pra lá dizendo que aqui era muito bom e coisa e tal.

É, mas era tudo mentira. Vinha família até, enganada.

... E nós viemos pra cá todos. Porque o pai deu aquela besteira de vir pro Brasil porque nós não precisava vir pro Brasil...

Ele [seu pai] quando veio [para o Brasil] deixou lá [as propriedades da família], com idéia de voltar. Bom, quer

dizer, o dinheiro era pouco e ele deixou lá com um amigo, que tinha condição. O homem deu um dinheiro pra ele; com dois anos, se ele não voltasse ou mandasse o dinheiro, o homem era dono daquilo né? Mas, se ele voltasse e trouxesse o dinheiro aí era obrigado a entregar. Aí o pai arrumou dinheiro e mandou. (Ildefonso)

... Meu pai não faltava pra ele, graças a Deus, ele tinha as suas terrinhas, tinha duas vacas, ele arava com aquelas duas vacas o terreno, ele tinha duas casas, tinha um plantio, fazia vinho, mas ele trabalhava no campo né...; na cidade não tinha mais serviço, ia trabalhar no campo. Ia numa segunda-feira, levava uma burrinha, um animal, arriava, e levava tudo lá, e fazia comida a semana inteira no campo, levava de casa o mantimento. Ele vinha em casa só sábado, e de noite.

...Tinha noite que pra o lobo não comer ele, ele tinha lá uma chocinha assim, pra se guardar d'uma chuva, e fazer a comidinha, ele tinha que passar a noite inteira sentado encima de uma pedra com um fogueiro feito e os tição lá, até que vinha vindo o dia, senão o lobo comia ele, até que vinha o dia pra trabalhar; ih... meu pai contava a vida dele, dava vontade de chorar...

...Lá na Espanha [risos] meu pai contava, né, que tinha gente que trabalhava hoje pra comer o pão amanhã; trabalhava às vezes, a troco de um pão...; era muita pobreza, né? E aí, tinha gente que tava mais remediadinho não? E sempre ele contava as coisas...; diz que tinha dois vizinhos, casou a filha de um, e aqueles estavam remediados, né... e os outros, coitados, que não tinham jantado naquela noite, foram dormir sem janta, também não tinha com quê, né?! E aquele que foi dormir sem janta, tava devendo um dinheiro pro outro que tinha casado a filha e tava mais remediado. O outro trabalhava por dia né?, jornalero como fala espanhol,

trabalhava hoje pra comer amanhã, às vezes por um pão, trabalhava o dia inteiro pra comer no outro dia. Então, diz que foram dormir sem janta e aí, diz que bateram na porta, meu pai contava isto - meu pai contava muitas coisas, mas só que a gente esquece, né -, diz que bateram na porta e ele falou, bom, disse, olha, disse, tenho certeza de que vieram trazer janta pra nós, de certo, que sobrou do casamento. E foi até a porta: "Quem?" "Fulano de tal" "Entra...". Abriu a porta. Disse: "Ó, vim ver se o senhor me arruma metade do que está me devendo". Disse: "Ai, my hombre quedamo sem janta porque não temo para comer". Disse: "Não tenho nada com isso, preciso do que está me devendo".

A senhora vê? Ah... me dá vontade de chorar quando meu pai falava isso... E ele via que na Espanha era muita pobreza...

. . . Lá era muito ruim pra tratar, muito pobre, difícil tudo. (Teodora)

... Não, ali [referindo-se a Espanha], não dava pra comer (...) miséria de terra. Lá não ganhava nada, trabalhava por conta, né? Um quarto de terra era do patrão, pra plantar e vender.

...Ele [seu pai] deixou até a casa com a mobília e tudo, pra vender; o casebre que ele tinha lá. [Quando retornou, em 1920] tava pior de que quando ele deixou! (Tercifon)

A viagem

... De Málaga que nós embarquemo, lá onde nós pegamo o trem, que esse trem fica a cinco léguas de onde nós morava né, nós gastemo um dia de trem. E o trem lá corre, não é esse trezinho que tinha aqui primeiro (...); é que eu não lembro agora dessa vila, mas eu sei o nome dela, que nós embarquemo...

...Quando nós viemo... de lá mesmo, junto, veio mais uma família; a mãe da Teodora aí e o pai, vieram junto

conosco. Só as duas famílias de lá do lugar...

Não é bem certeza, mas acho que era Aquitânia, ou Arquitaina [o nome do navio]. (Ildefonso)

A chegada ao Brasil, a(s) fazenda(s) de café, o colonato, a aquisição do sítio

... Nós ficamos num hotel, e de lá peguemos um trem e viemos para Bebedouro. Era uma casa de imigrantes, ficamos lá dois ou três dias, por conta do Governo, acho que era na Hospedaria. Tratava a gente como animal, passava até fome lá.

... Passava fome, quem tinha dinheiro ainda comprava qualquer coisa lá, uma bolacha, uma coisa, mas quem não tinha...

... Teve muito pessoal que nós ficamos aqueles três dias lá, que dormia no chão, assim, não tinha nem um colchão onde dormir. [Era] tudo largado.

... Nós viemos da Espanha em Bebedouro, nós ficamos trabalhando com Querubim Franco. Nós viemos direto num parente, lá, vizinho do fazendeiro, parente que tinha propriedade, né? Como o homem morava lá e era parente, mandava carta, então, meu pai já sabia o endereço certo, então, nós viemos para Bebedouro para a casa dele; depois que estávamos na casa dele, passamos uns dias e meu pai arrumou serviço com Querubim, o parente lá levou ele lá para arrumar serviço.

... Ele pagava por "mil" de café, pagava cada três meses; era um brasileiro, mas muito bom, pagava bem. Aquilo que ele pagava a cada três meses, era o pagamento que ele fazia do trato do café. Na colheita, nós ganhava um mil réis por cem litros; nós colhia, entregava para a fazenda e ele pagava; quando acabava o ano, ele pagava o último pagamento do café por mil e pagava o café que nós colhia, e estes de

Córrego Seco, esta espanholada, os Cabrera, era a mesma coisa que nós, só que era com outro fazendeiro. Nós era em quatro, não contínuo, porque a mãe não ficava todo dia em casa né?; agora, três trabalhava todo dia no campo, no café.

[Lá] era tudo brasileiro, o que não era negro, era escuro. Tinha umas trinta famílias, camaradas. Ali era o administrador da fazenda que mandava em todo mundo né? Estrangeiros e deles lá; bom, o administrador tomava conta, agora tinha os fiscais para mandar no pessoal. O patrão não se envolvia em nada. Ficamos lá dois anos.

... Depois, mudamos para um outro, mais dois. Lá perto de Bebedouro mesmo. Lá foi com empenho de formar café, com um espanhol, mas o homem era muito ruim. É, e não vencemos, saímos antes de vencer. Ganhamos o mantimento que plantamos, só!

... Nós saímos de lá, fomos para a outra fazenda, a de um português, Antônio, mas não me lembro do quê, fomos tratar café também. Lá em Bebedouro, café a meia. Patrão levava metade e dava metade pra nós. Depois de seco, precisava entregar seco pra ele. Isto demora... começava a tratar em outubro e acabava em fim de setembro. Um ano...; quer dizer, a colheita começava antes, começa em maio, junho, mas só acabava em setembro, que era bastante café, nós três só. Ficamos lá dois anos.

... Nós guardamos três contos e oitocentos, em seis anos.

... Do português, meu pai comprou aí e viemos para cá.

... Nós morava lá em Bebedouro quando meu pai comprou; então, quando comprou, combinou com o homem; o homem ia daqui a Bebedouro a cavalo, então lá pagavam o trem, o homem e o pai iam no trem até Jaboticabal. Depois, na volta, chegava lá pagava o cavalo lá em Bebedouro e vinha aqui. Um dia de cavalo. [Hoje], daqui a Jaboticabal, uma hora e meia vai, 95 km.

... [Compramos] trinta alqueires, por \$3 contos. Na escritura legal, são vinte e nove; agora, depois que meu pai faleceu, eu parti com minha irmã, o engenheiro foi lá para medir e ele fez a conta e garantiu que dava trinta e um; mas, se eu for vender, não posso pôr...; Acho que hoje deve valer \$ 9.000. Pelo preço que estão vendendo aqui, vale até mais disto, mas eu falo por menos. Café tem pouco, tem 3.000 pés. O resto é terreno replantado, uma parte de pasto para criação, mato não tem mais, tem eucalipto que eu plantei. Casas, tem três, quatro com a de barro...

... [Nós construímos a primeira casa] de coqueiro e outros paus, de lasca de madeira. Já tinha [uma casa] de quem nós compramos; tinha uma casinha de sapé e tinha mais duas casinhas pequenas de empregado que ele tinha lá com ele. Plantavam um pouco de roça, né, não sei se dava pra ele, naquele tempo, o povo lá que queria entrar dava terra assim, planta e colhe... sem trabalhar, fica aí... [risos] (Ildefonso)

... Meu pai veio na fazenda de um tal Querubim Franco em Bebedouro, nas redondezas de Bebedouro, 9 meses trabalhou lá, colhendo a colheita de café, chegou fora de tempo já. E trabalhou lá 9 meses. E nesses 9 meses, aos 8 dias, eu nasci, que ele estava lá, que chegou da Espanha, e já vim com 9 meses para a outra fazenda. Lá teve quatro anos na outra fazenda. Já lembro de tudo naquela fazenda.

... Ele [referindo-se a seu pai] foi trabalhar lá na Fazenda do Otaviano Ferraz, cunhado de Querubim Franco, lá perto de Bebedouro; lá fez quatro anos. Café já formado, só trabalhar e colher... secar no terreno.

... Mas era muita espanholada lá... tem alguns aqui, os Cantarera... ihhh... muita espanholada, lembro quase de todos lá, que trabalhavam naquela fazenda né, e lá, meu pai, eu já lembro, quando meu pai ia receber o pagamento,

todo sábado, eu ia com ele.

... Antigamente era assim; meu pai pegava a cadernetinha, disse me alembro, ia com ele, uma franguinha atrás dele, eu lembro que o patrão estava deitado naqueles tempos, né, numa rede, parece que estou vendo, olha, com quatro anos, que não tinha 5 anos ainda eu; ele levantava, ia numa mesinha, escrevia, escrevia, dava a cadernetinha pro meu pai. Era perto, não era alijado; casa de fazenda era um pouquinho longe da colônia, mas era uma colonhada lá, tudo espanhol, quase tudo espanhol. E ali foram juntando ali, naquela fazenda e outra que tava lá, perto lá, de um tal de Passa Quatro, fazendeiro, era médico, também lá muita espanholada, naquele ano vinha muita espanholada da Espanha porque na Espanha era muito difícil pra ganhar pra comer, muito pobre, muita pobreza, né?

... Ele pegou um café de meia, e quando fazia dois anos que estava trabalhando naquele café, tirou 600 sacos de café, 300 pro patrão, 300 pra ele, e lá ele foi e vendeu o saco de café a \$10.000 réis; daí, ganhou pra comprar um sitinho. Comprou um sitinho, aqui no Córrego do Matão, 25 alqueires, pagou 3\$500 contos, com escritura, talão de cisa e tudo; eu tava com 7 anos, 1913, então (...) veio pra cá, dois dias de mudança. A senhora não sabe o que é carro de boi, né? Dois carros de boi, dois dias de mudança, tivemos que cruzar um córrego, o Córrego dos Coqueiros, de noite, noutro dia, e vai, cantando, cantando esses carros, cantando, e viemos aqui, perto de Novaes, uns 6 km daqui.

... Aí, lá trabalhemo, trabalhemo, tinha muita fartura. Tinha 10 alqueires de pasto, sempre tinha 80/90 rês. Eu tirava leite diário de quase 8/9 vacas. E minha mãe fazia queijo, engordava porco, era um sítio, mas nós tinha fartura, né.

... Meu pai cercou tudo, limpou, roçou, queimou, depois plantou para formar o pasto que era tudo sarogo. E

o que era de roça, o que vendeu pra nós aquela terra, quem vendeu pra nós, o que era de roça, 15 alqueires, ele comprou d'uma viúva, a troco de um cavalo e um garrafão de pinga! D'uma viúva, 15 alqueires, deu um garrafão de pinga pra ela e um cavalo velho.

[O vendedor] morava numa tapera, tapera de chão, as paredes de coqueiro. Tinha aquela tapera largada, os porcos entrava por um lado, saía por outro, e pousava lá de noite; meu pai ia com as irmãs, foram e limparam e encheram de terra, arrumaram para a gente poder entrar lá; depois tinham muitas madeiras, meu pai arrumou dois homens, no estaleiro, um estaleiro assim de tábuas, e punham as toras de baixo e em cima e aí mandou fazer uma casa; daí uns tempos, que foi ganhando um dinheirinho, fez uma tulha, e fez o terreiro pro tijolo, o pomar de laranja...

... Água, Nossa Senhora, muita água, muita horta, nós era pobre, o sítio era pequeno, mas fartura de verduras...; cada três meses meu pai matava uma rês de 7,8 arrobas.

... Depois, já com muitos tempos que ele formou um pouquinho de café, já pegou duas famílias, fez duas casas, antigamente de barro e madeira, chão de terra, uma teve 8 anos, eram da Província de Almeria. Eles que moravam por aí, foram pedir serviço, meu pai derrubou o mato que tinha, mandou derrubar e plantaram café; mas não tiraram nada, quando meu pai morreu tínhamos 9 ou 10.000 pé de café, mas naqueles tempos não era como hoje em dia que se aduba, naquele tempo não se adubava e o café, às vezes não tratava direito, não dava muito grande coisa, não...

... Aí, quando eu tinha uns vinte anos, não acabei de contar para a senhora, ele queria vender o sítio, ir para a Espanha. Sabe quanto davam no sítio? 100\$000 contos. Nossa Senhora! O finado meu pai disse que com esse 100\$000 conto lá na Espanha ele era o mais rico do pueblo, ele falava assim pra nós. Eu já estava namorando meu

marido. E ele falava assim: "aí, nós indo lá na Espanha, vocês - nós era três moças já, as outras mais novas, a mais velha era eu, as outras tudo molecada - , vão casar com o homem mais rico que tiver lá"... Digo: "Olha, pai, não me interessa, não quero saber da Espanha" [risos]. Minha mãe levava comida pra nós na roça, "é sim, o teu pai falou que vai vender". Estes "Parra" mora tudo no Córrego Seco, e eles tinha dinheiro, já no tempo... os Parra que queria comprar o nosso sítio, e minha mãe falava: "sim, porque o Miguel Parra dá 100\$000 contos pra teu pai e teu pai vai vender o sítio".

[Quando mudamos], aqui em Novaes mesmo, tinha pouca gente, aqui nesse distrito aqui, mas do lado de lá, já tinha uma espanholada, tinha sítio... um tinha sítio e ponhava os outros, vinha os outros e ponhava lá pra tocá serviço, né? E plantava café, e pegava a meia... ihhh mas aqui, aí do Novaes pra lá, aí tinha gente muito rica, sitio alto... Espanhol, tudo espanhol! (Teodora)

... [Meu pai não tinha] ninguém conhecido. Veio pra Fazenda Dona Luisa, em Monte azul. Empregado da fazenda, sete anos. Toda a família. É que o fazendeiro foi e pegou ele lá no porto [em Santos] e trouxeram. Veio sete famílias, sete famílias viveram sete anos lá. Guardaram um conto e quinhentos no fim de sete anos. E as sete famílias de lá vendendo ovos a \$200 réis a dúzia do ovo, dava um conto e quinhentos. Depois de sete anos, juntaram umas sessenta famílias! Tudo espanhol e italiano.

... Só tratar [café]. Podia plantar mantimentos e ter galinha e vender ovo.

... Na Espanha não tinha aquele sino, como que de uma igreja, tocava às três horas da manhã. Três horas pra mãe levantar e fazer café. E as seis horas tornava tocar outra vez pra nós tomar café e comer alguma coisa. E minha mãe que fazia tudo.

... Com aquele 1\$500 conto, ele

comprou 10 alqueires (...) a primeira compra, 1912, do finado Inocêncio Perez. E depois comprou 8 alqueires com o cunhado dele. Aqui, nós compramos 14 alqueires [bem depois].

... Nós entramos com a mudança tudo junto, sete famílias! Aqui, pra ir fazer compra...; a senhora conhece Catanduva? Tinha quatro casas! Hoje Catanduva é boa! Naquela tempo não era Catanduva, era Serradinho E depois passou para Vila Adolfo. Catanduva passou por três nomes; agora não mudou mais já faz 50 anos.

... Naquele tempo nós levamos dois dias de viagem. Carro de boi. Primeiro não tinha nada [referindo-se aos móveis], tinha um banco de pau... um banco à toa, não tinha nada. Guarda-roupa, [risos] guarda-roupa eu só tive o primeiro quando casou o meu filho José.

Era puro mato! Daqui a Catanduva, era tudo puro mato! Puro mato, daqui a Tabapuã, conhece Tabapuã?

[Fomos morar] debaixo de uma árvore! [A casa] demorou dois meses! Não tinha serraria pra serrar madeira, quer dizer que, assim ... põe um pau pregado do lado de cá, outro de lá..., lascas, assim e pronto... assim ... [demonstrando].

... A senhora sabe cozinhar sem panela? Põe dois pau, assim, põe calor embaixo, assim uma cruz... aqui passa um gancho... Botava fogo aí. Tinha vezes, que tinha [bichos, à noite], naquele tempo tinha muito bicho.

Nós plantava tudo, aí veio uma seca braba e perdemos tudo. Tudo. Arroz, não deu pra recolher um saco. No primeiro ano. Perdemos tudo! Bom, nós comprava no Ramón [rico fazendeiro espanhol; em uma de suas fazendas tinha uma venda] tudo isso daí e por caderneta, então, meu pai, e as sete famílias que vieram de lá, ficaram aborrecidos.. não deu nada pra comer.. fomos entregar a fazenda pra ele. Então, ele disse: "Não, quem agüentou um ano, agüenta dois"! Aí, ele agüentou! Outro ano, colhemos arroz

e vendemos pra ele... Já descontou o que nós devia de dois anos!

... Só em 1914 plantemos café. [Em] 1914 veio uma família espanhola que chamava Modesto, de Cáceres; eles vieram pegando serviço. Aí, então, essa família pegou dois alqueires de terra e demos pra eles. Pegamos eles, por seis anos, tudo que desse era pra eles, naqueles dois alqueires, aí do Córrego pra lá... Dois alqueires, 4.000 pés de café..., por seis anos tudo de pra eles, não? Depois veio um tal de João Perez. Plantou, e dava aula, esse daí e ele pegou tudo que dava pra ele, por 6 anos. Com direito a dar escola, por 6 anos. [Até] 1920, ele juntou 5 contos, essa família. Essa que tava aí, que dava aula pra nós. Era dinheiro, né? Pegou e comprou 50 alqueires em Presidente Prudente. Por cinco conto, e meu pai, sócio com ele, mais 50 alqueires. Porque aqui era mais caro "no", e lá com 5 contos, ele comprava 50 alqueires. Pra tocar café! Quando venceu o ano aqui, deu o fim do ano, mudaram; ele escrevia pra nós, como eu já sabia escrever, ele escreveu pra nós, ele disse que nunca vendesse aqui, que lá dava ferida no corpo inteiro, ali não era bom, ele chorava todo dia, queria voltar pra cá.

... Voltaram aqui em Catanduva... com o dinheiro de 50, comprou 5! Meu pai vendeu lá os 50 alqueires e comprou essa parte do Córrego pra cá. Tinha 4 alqueires. Vendeu 50 e comprou 14 alqueires. Os 14 alqueires foram pagos \$85 contos.

... Nós contava dez italianos pois era trabalhador. A gente ia procurar em Catanduva. Chegavam ali, nós já regulava.. Tinha muito na estação, chegava muita gente, no?! (Tercifon)

Impressões gerais: vida familiar e social, hábitos, cotidiano, dificuldades

[Em caso de doença], a gente não

ia lá na vila ou no hospital, que nem hospital não tinha em Bebedouro. O médico vinha em casa, a cavalo; ia lá, chamava, ele vinha em casa. Tinha farmácia em Bebedouro. (Ildefonso)

[Escola]: . . . nós era burro, era moleque e era burro... Por que não sabia ler nem escrever, isso aí. Meus pais também não sabia nada! Ninguém sabia nada! Era tudo burro! Então, veio um homem lá de Santa Velha (?) que sabia leitura, era um tal Juan, era espanhol. Ele veio porque a gente ia dar serviço pra ele, pra trabalhar. Sozinho, veio para ver se dava serviço, para trazer a família pra morar. Pai disse: eu dou, 3 alqueires, tudo de lá é teu, por seis anos... Com o trato de nós fazer aula..., seis anos pra estudar, ali... Si, ler, escrever, fazer conta, tudo! Ele disse: Eu pego. (...) A família foi aqui, então, juntou sessenta alunos. Tudo da família da gente. Aí, ele deu o curso de meio ano. Dava das seis da manhã, até as nove para os pequenos. É, quando eram os grandes era das sete da tarde até as nove da noite, já virou o horário, porque a gente tinha que trabalhar na roça... então, a gente trabalhava até uma hora dessas, janta e já vai... Aí ele fez dois horários. (Tercifon)

Cheguemos aqui, aquele pessoal de fora até achava ruim, porque era só língua espanhola, não compreendiam... [risos].

... Tive dois meses[de aula] na Espanha, depois meu pai me tirou da escola pra cuidar dos porquinhos no campo; depois, pensou de vir aqui para o Brasil, viemos, nunca moramos em lugar que tinha escola. O pouquinho que aprendi foi na escola particular, pessoas que sabiam, vizinhos, ia de noite, então, aprendi um pouquinho, a assinar e a ler.

Ela [sua esposa] não sabe nada de leitura... Os filhos sabem todos. Todos

aprenderam...; primeiro, não tinha escola aqui, mas tinha escola no sítio, professor que dava no sítio, então, eles iam lá. Depois, começou a escola aqui, vinham aqui. (Ildefonso)

[Registros, batismos, cartórios]: Aqui quando nascia criança no começo, aqui no Córrego Grande, tinha o tal Ramón Sanchez, espanhol, homem rico com muito nome, então, parece que a cada dois, três meses vinha o padre, de Jaboticabal, a cavalo, então, mandava avisar primeiro, o dia da chegada dele aí, então, a turma ia lá e batizava tudo. Lá no Córrego... Que igreja! Na casa dele! A criança era registrada em Irupi, uma vilinha que tinha na beira do Turvo que tinha Cartório, então, a criança era registrada ali.

Esse Cartório de Irupi [agora] é em Paraíso. Documento de escritura, terra, aqui era tudo em Jaboticabal. Iam a cavalo, daqui, lá. Lá passavam as escrituras, em Irupi, mas o registro era em Jaboticabal. Todo lugar que tiver Cartório pode passar a escritura, mas o registro só na Comarca. Agora, o casamento e o registro da criança era Irupi. (Ildefonso)

O idioma português

[Aprendi] logo, logo, daí a pouco que cheguei; agora, o pai e a mãe não aprenderam nunca [risos]. Em casa, com a mulher e os filhos, a conversa é em espanhol; não tinha nada de brasileiro, e eles falam todos ainda em espanhol, porque eram pequenos. . . . E eles, então, aprenderam a conversar em espanhol, porque eu não deixei de criança eles largarem. Queriam conversar entre eles lá, em brasileiro... aqui... não, aqui vocês vão aprender o espanhol! Agora, por fora, você quer caprichar, fala em brasileiro à vontade! A mulher não fala nada em brasileiro. (Ildefonso)

O Brasil

Teve conhecido que mandou perguntar, ah... falávamos aqui é assim... não vem pensando que chega aí e enche o saco de dinheiro, não.. que precisa suar; Senão, fica aí, que é melhor do que aqui! (Ildefonso)

Os brasileiros

... Esse era espanhol. Mas o resto que morava aqui [em Vila Novaes] era tudo brasileiro. Tinha alguns, na beira deste Córrego aí, num ranchinho de sapé. Ihh... quase todos eles tinham terreno, não plantavam, não trabalhavam, era só caçar e pescar, não cuidavam de nada, mas tinha uma porção deles por aí, mas não tinham o que comer, todos eles tinham terreno, o que comer não tinham... Não, não plantavam nada...; abriam um pedaço em volta da casa, plantavam uns pés de milho, uma abóbora, uns quiabos e uns pés de mandioca e iam passando com aquilo...; caçar, matar um bicho no mato para comer... (Ildefonso)

... Nós contava dez italianos, pois era trabalhador. Espanhol também trabalha, né? É, espanhol também trabalha bem. Agora, italiano também; quem não presta grande coisa é caboclo, né?! Brasileiro, brasileiro mesmo, caboclo, não quer saber de nada...; não tenta, né? Brasileiro criado assim, não tem, não... não tem igual. Espanhol é muito interessado, italiano também. (Tercifon)

Voltar para a Espanha

No tempo que eu podia ir, formou aquela guerra mundial, tem lembrança? E a coisa daí pra cá foi piorando, foi ficando difícil viajar, arrumar documento e uma coisa e outra né, e cada vez pior, e aí eu parei, não fui; mas, se continuasse como tava, tudo calmo, eu ia...; Passear; morar lá não, porque a rapaziada já era nascida aqui,

habituarão aqui.

Sendo estrangeiros, não tem direito a mandar no Brasil... não pode nem votar... Eu mesmo, nas primeiras eleições que tiveram aqui, me aconselharam muito, fazia tudo de graça [naturalização], mas eu não quis, eu não, porque tinha intenção de voltar para a Espanha; e chego lá, não sou mais espanhol, né? Então, não quero ser brasileiro! (Ildefonso)

Embarque do café

Quando nós viemos, depois que “garrou” se formar café aqui, que não tinha; depois, no ano que nós chegamos, o avançamento da estrada chegou em Catanduva; depois já tinha armazém do Governo, pra café; então, daqui para Catanduva ia carro de boi, carroça de burro. [Eu] sempre ia para Catanduva... e quando não para Catanduva, Monte Verde. Então, nós mandava o café em Monte Verde. Saía um trenzinho de Bebedouro que era Paulista, a Monte Verde, então daqui lá ia com boi, burro, não tinha outro jeito. Não tinha caminhão, não tinha nada. (Ildefonso)

Villa Novaes

Era uma “matéria” para criar bicho! Não só Novaes. Tudo por aqui, até Catanduva. Nossa Senhora! uma mata que dava medo, o largo aí era uma mata que dava medo, a gente tirava pau aí que ia que nem daqui lá naquelas laranjeiras de grande. (Ildefonso)

... Depois que começou abrir a vila, que começou a fazer casas, começou a formar a vila é que puseram o nome de Novaes. “No vaes”, por que não ia mesmo!!! [risos], porque tinha pouco movimento, mas teve tempo que tinha três máquinas, quatro de serraria, de onde meu sogro era uma, outra do finado Capitão Chico Pinto que era um baiano, de uma fazenda pra lá também, e tinha duas máquinas de benefício, uma

era do Miguel Ruiz, benefício de arroz e café, e depois tinha oito ou nove empório de roupa, tinha médico!

(Teodora)

Novaes era puro mato. Puro mato! Era tudo, tudo peroba! Nada, nada, nada! Aí, tinha uma casa coberta com sapé. Uma casinha coberta de sapé! É "Novaes" porque naquele tempo ela não ia, e nem vai. (Tercifon)

Espanhóis em Villa Novaes

Vieram para Novaes porque moravam em Bebedouro, nesses lugares por aí, né... e ganharam dinheiro, terra era muito barata, e já como tinha alguns conhecidos, então vieram passear, e chegavam aí e achavam bom, tinha o dinheirinho, dava pra comprar terreno, então um depois ia chamando o outro, e aí juntou aquela espanholada aqui.

... Italiano e espanhol foi a força, brasileiro muito pouco, o pouco que tinha, quase todos tinham terreno, foram vendendo e indo embora para mais sertão; eles gostavam era de mato [risos]... era que nem bicho...; e aí, juntou muita espanholada, depois, sabe, quem comprava queria plantar café, trazia família pra plantar café, e daí foi criando filhos, foram casando, foi aumentando aquela espanholada... né?!

(Ildefonso)

A Semana Santa

Eu fui pra Catanduva aquele dia comprar as coisas, tinha um saco cheio, vinha aquela semana santa, e essa semana santa tinha bacalhau, grão-de-bico, tudo, açúcar. [Se] você não tinha grão-de-bico e bacalhau na quinta-feira santa e sexta-feira santa, não tinha nada; pra mim, nunca comi arroz e feijão nesse dia, desde criança, minha mãe fazia, depois meu marido era espanhol, gostava muito e eu sempre

fazia... (Teodora)

O luto

Porque sabe, quando era pra casar; espanhol acostuma assim, morria um tio dele; morreu, depois, agora nós vamos passar uns tempos...; depois, morreu o avô, depois foi indo, foi indo, e morreu meu pai. E eu fiquei com 25 anos, quando morreu meu pai. Aí, daí um ano, finado meu marido queria casar. Mas, minha mãe disse: "não, você não é viúva para casar de luto" e até que não fazia dois anos que o pai faleceu, vocês não vão tirar o luto. (Teodora)

* *Marília Klaumann Cánovas é Mestre e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História Social-FFLCH/USP.*

NOTAS

1 - As emigrações transoceânicas em massa ocorreram em um período histórico determinado, isto é, do fim das guerras napoleônicas até a depressão mundial de 1930, ocasião em que 60 milhões de europeus e 10 milhões de asiáticos cruzaram o oceano em direção a outros continentes. Dos 11 milhões que se dirigiram para a América Latina neste período, 38% eram italianos, 28% espanhóis e 11% portugueses.

2 - Seu número, no período de 1885-1929, seria 379.501 imigrantes, para 380.642 portugueses e 922.856 italianos. Conforme: **Hospedaria dos Imigrantes**. Imigrantes estrangeiros entrados no Estado de São Paulo - Período 1885-1961. Discriminação por quinquênios das principais nacionalidades entradas no Estado, em três quartos de século de existência da Hospedaria "Visconde de Parnaíba". São Paulo, 1978.

3 - De conformidade com o **Recenseamento Geral do Brasil, ano 1920**, da população total de espanhóis computada (219.142 pessoas), na proporção de três a cada quatro imigrantes localizava-se em São Paulo, e destes, oito a cada dez residiam nas zonas cafeeiras.

4 - Dona Olga Birolli González, residente à época em Catanduva, teria realizado cerca de dois mil partos na vila. Devemos a ela, pessoa respeitada na comunidade, a boa receptividade que tivemos em Villa Novaes.

5 - Villa Novaes aparecerá oficialmente como distrito apenas em 1925, pertencendo

ao Município de Jaboticabal a quem se filiará até 1935; depois, passará a se reportar a Catanduva, de 1935 a 1938 e, finalmente, a Tabapuã, de 1938 a 1997, quando passa a município. Nos primórdios de sua ocupação, São Sebastião do Turvo, depois Irupy, era o Distrito de Paz que congregava toda uma vasta região inicialmente constituída por mata virgem e propriedades agrárias esparsas, que, paulatinamente desmembradas, resultaram em novas denominações de sítios e fazendas, depois povoados e vilas, dentre as quais a depois denominada Villa Novaes, uma das células iniciais.

6 - No Livro de *Matrícula de Imigrantes*, da **Hospedaria dos Imigrantes**, de nº 076, p. 19, registra-se a entrada da família *Blasquez Vello Sanchez*, procedente do Porto de Málaga, desembarcada em 19.12.1905, do Vapor France. Estava com destino a Bebedouro (Fazenda de Pedro Antunes). Compunha-se de: Bernabé (chefe), 43 anos, Pascuala, (mulher), 43 anos, Júlia (filha), 18 anos, Ildefonso (filho), 9 anos e Ignácia, neta, 2 ½ anos.

7 - Consta do *Livro de Matrícula de Imigrantes* nº 074, p. 199, da **Hospedaria dos Imigrantes**, que a Família *Cabrera Reyes Más*, composta por Manoel (chefe), 37 anos, Encarnación (mulher), 32 anos e José (filho), 2 anos, procedente do Porto de Málaga, desembarcara do Vapor Orleanais em 10.07.1905, com destino a Bebedouro.

8 - No *Livro de Matrícula* nº 075, p. 267, de 27.11.1905, da **Hospedaria dos Imigrantes**, está o registro de entrada da família *Diaz Bote Alvarez* que se compunha de: Isaac (chefe), 43 anos, Manuela (mulher), 24 anos, Maria (mulher), 10 anos, Saturnino, 8 anos e Balbina, 7 anos. Procedentes de Málaga, viajaram pelo Vapor Savoie e dirigiam-se a Bebedouro, para a Fazenda de Cherobim Campos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, Ecléa
(1979) *Memória e Sociedade - lembranças de velhos*. São Paulo, T.A. Queiróz, p. 17.
- CÁNOVAS, Marília K.
(2001) *A emigração espanhola e a trajetória do imigrante na cafeicultura paulista: o caso de Villa Novaes, 1880-1930*. Departamento de História da FFLCH-USP (mimeo).